

Design de superfície

por Pâmilla Vilas Boas

Uma arte para alcançar o mundo

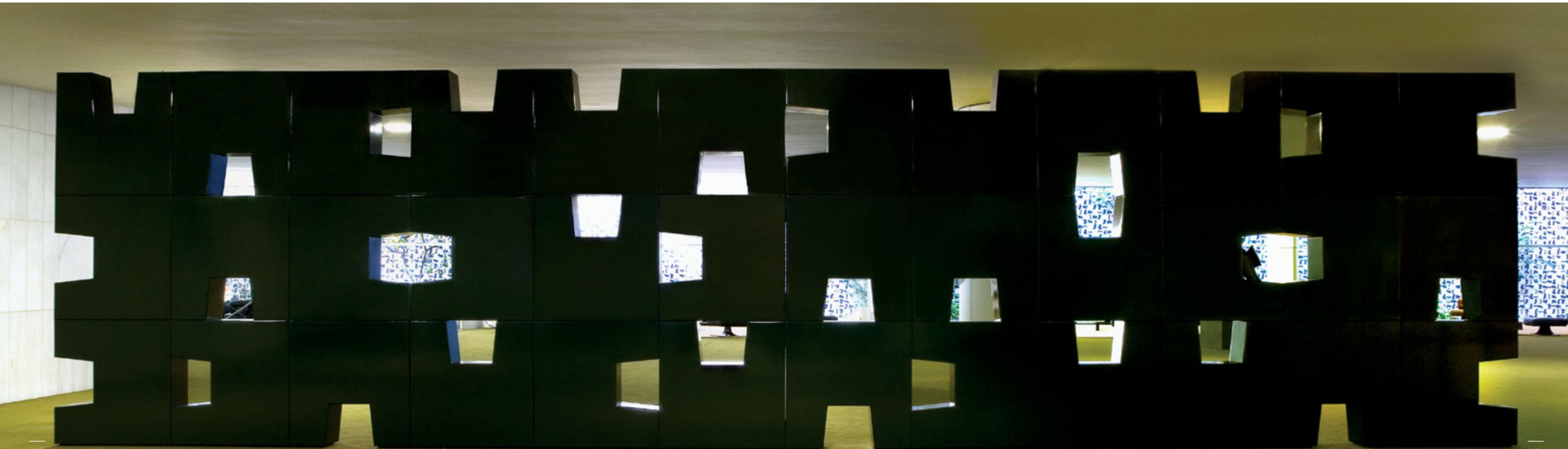
A importância da obra de Athos Bulcão e sua influência na retomada da azulejaria na atualidade

Formas geométricas em cor azul cobalto ocupam uma parte do azulejo branco. O efeito resultante é um inesperado agrupamento de partículas de cor azul, que vibram suspensas no vazio. Os painéis de azulejo do artista Athos Bulcão revelam uma sutil relação entre caos, perfeição e movimento. Em 1971, o artista criou uma parede escultural para o Salão Verde do Congresso Nacional. Os azulejos, dispostos aleatoriamente sob uma superfície de madeira translúcida, oferecem uma visão fragmentada e decomposta do que ocorre por trás do painel e que o muro oculta e revela. Esse equilíbrio preciso entre aleatoriedade e perfeição surgiu de uma intensa colaboração entre o artista e o arquiteto Oscar Niemeyer, que se iniciou nos anos de 1950.

com a construção de Brasília, até meados de 1970, com suas obras na França, Itália e Argélia.

Para o curador e crítico de artes Agnaldo Aricê Caldas Farias, professor doutor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, a década de 1970 é o período em que Athos alcança maior maturidade e que ocorre a difusão de seu trabalho. "Ele já havia se consagrado em algumas das principais obras de Niemeyer no Brasil", afirma. Nos anos 70, com a ditadura militar, o arquiteto começa a realizar mais trabalhos no exterior e Athos é convidado a trabalhar com ele na França, Itália e Argélia. A partir de 1975, Athos estabelece uma relação com o arquiteto João Figueira Lima, o Lelé, em projetos para o Hospital Sarah Kubitschek. "Aí a coisa vai se abrindo extraordinariamente. Ele começa a realizar não apenas revestimentos, murais, relevos e azulejaria, como também obras arquitetônicas, como paredes compostas por painéis pivotantes, entradas, biombo. Cada uma delas tem motivos geométricos. Tudo isso como um desdobramento do trabalho em azulejo. O azulejo pressupõe a parede e isso vai se tornando muito mais radical. Se antigamente era apenas um revestimento, agora o azulejo se torna a própria parede", explica Farias.

Muro Escultórico do Salão Verde da
Câmara Deputados. Obra de Athos
Bulcão para o projeto do arquiteto
Oscar Niemeyer em 1976
Foto: Edgard Cesar / acervo da
Fundação Athos Bulcão





Sede da Editora Mandadori
Foto: acervo da Fundação Athos Bulcão



Residência Frederico Gomes
Foto: acervo da Fundação Athos Bulcão



Painel de azulejos da torre TV Brasília de Athos Bulcão para a obra do arquiteto Lúcio Costa em 1966.
Foto: Edgard Cesar / acervo da Fundação Athos Bulcão

Dessas experiências, Athos construiu uma metodologia de trabalho inovadora. O artista utilizava formas geométricas, retirando a geometria estrita da monotonia e repetibilidade. Agnaldo explica que, nesse processo livre de composição dos azulejos, o artista criou uma obra aberta e colaborativa, onde o papel do operário assentador de azulejos era fundamental. "Ele dava liberdade para o operário, quase num processo de co-autoria. Você olha para o mural dele, tem uma aparência meio desorganizada que dá movimento. E isso se dava no trabalho junto com o assentador", ressalta. Apesar da liberdade, como apontou Agnaldo, o trabalho não era completamente aleatório. "Por exemplo, tinha um azulejo que era um semicírculo. A única coisa que não podia era juntá-los

de tal modo a compor um círculo. Ele editava soluções e proibições. Tinha uma proporção e uma metodologia a ser obedecida", afirma.

Para o curador, Athos foi um artista moderno de orientação concreta, que obteve relevância internacional e transcendeu os formatos tradicionais de arte, numa escala sem paralelo no Brasil. "Ele tem uma presença física. Os trabalhos dele são copiosos, em grande número e muito variados. A meta dos artistas concretos era de fato chegar ao mundo e Athos é quem efetivamente leva isso às últimas consequências", ressalta.

As obras do artista estão disponíveis na Fundação Athos Bulcão (www.fundathos.org.br).

Redescoberta dos azulejos

O artista Alexandre Mancini, proprietário de um atelier de produção de azulejos em Belo Horizonte, foi um dos pioneiros da redescoberta dos azulejos na atualidade. Influenciado pela obra de Athos Bulcão, ele montou sua fábrica em 2006, numa época em que praticamente não existia mercado para azulejos. "Tinha apenas a Fundação Athos Bulcão. Fiz tudo o que não é sugerido. Não fiz pesquisa de mercado, porque não tinha mercado. Não tinha parâmetro de valor, não tinha nada", revela. Alexandre explica que começou com um site, passou a criar seus próprios desenhos e a vender seus azulejos produzidos artesanalmente.

"Todo o dia eu vejo alguém trabalhando com azulejo. Como tem muita gente fazendo, optei por experimentar técnicas diferentes, quero fazer algo cada vez mais único, pessoal e manual. Estou investindo atualmente no azulejo cru, que é uma raridade, e venho pintando todos à mão, um a um", relata.

"Talvez seja o mesmo conflito dos anos 70 e 80. Tem gente demais fazendo azulejos hoje em dia, baseados na obra de Athos Bulcão. Por causa disso, estou recuando para o sentido mais artesanal. A própria indústria começou a fazer esse tipo de azulejo. Eu e o Coletivo MUDA já víamos referência para os designers que começaram a produzir. Pra mim, comecei ontem. É interessante. Já fui para Portugal palestrar sobre a azulejaria brasileira. Tem muita história pra contar", ressalta.



Artista André Mancini



O artista André Mancini, inspirado por Athos Bulcão, montou sua fábrica de azulejos em 2006. Fotos: divulgação

Dos murais artísticos para as residências

Para Alexandre, a década de 1970 marcou o declínio da utilização dos azulejos como elemento artístico integrado à arquitetura e o boom de sua utilização em espaço doméstico, para o revestimento de banheiros e cozinhas. Ele relata que a utilização artística dos azulejos começa a ter relevância nos anos 30, chega ao ápice em 60 e começa a declinar em 70. O geólogo e proprietário da empresa de cerâmica Paschoal Massas, Paschoal Giardullo, que atua há 50 anos na área, explica que, até a década de 1970, os azulejos, principalmente os portugueses e espanhóis, eram instalados nas faixadas das casas ou em painéis de decoração nas salas. Até então não se pensava em azulejar cozinha ou banheiro.

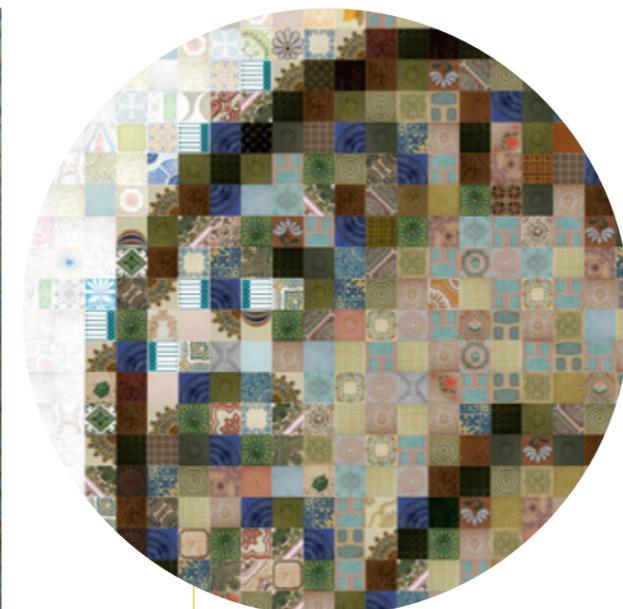
Paschoal relata que, no período, a indústria era dividida entre os que fabricavam azulejos e os que fabricavam piso para o chão. A indústria Matarazzo, por exemplo, foi um dos maiores conglomerados empresariais da história brasileira que fornecia azulejos para a maioria dos artistas. Com a entrada de fornos e técnicas mais modernas, deixou de existir essa diferenciação e a indústria passou a trabalhar com revestimento. "Até 1970, você tinha grandes fabricantes de azulejos em São Paulo, Rio de Janeiro e, principalmente, no nordeste. Nos anos 70, começaram a surgir as primeiras indústrias que produziam o revestimento de forma seriada e industrial, o que contribuiu para a maior utilização nas residências", afirma.

Na década de 1970 a concepção de produção de azulejos foi se transformando, incluindo a produção de novos formatos. “Antes de 70, o azulejo tinha o formato de 15X15 ou 11X11 que era um especial que a indústria Matarazzo produzia em São Paulo. Depois começaram a produzir azulejos maiores, de 20X20 ou 20X30. A partir de então tudo virou revestimento e as fábricas de azulejos foram acabando”, explica. Mancini ressalta que a década de 1970 é marcada por azulejos com grafismos exagerados, formas geométricas e por uma ligação com a estética dos papéis de parede, muito utilizados no período. Para o artista, trata-se de uma época em que a produção deixa de ser artesanal para se tornar mais industrial, mas ainda marcada por um processo muito arcaico, baseado na serigrafia. Ele explica que, a partir dos anos 80, foi reduzindo drasticamente o uso decorativo e artístico dos azulejos no Brasil, até sua retomada nos anos dois mil.

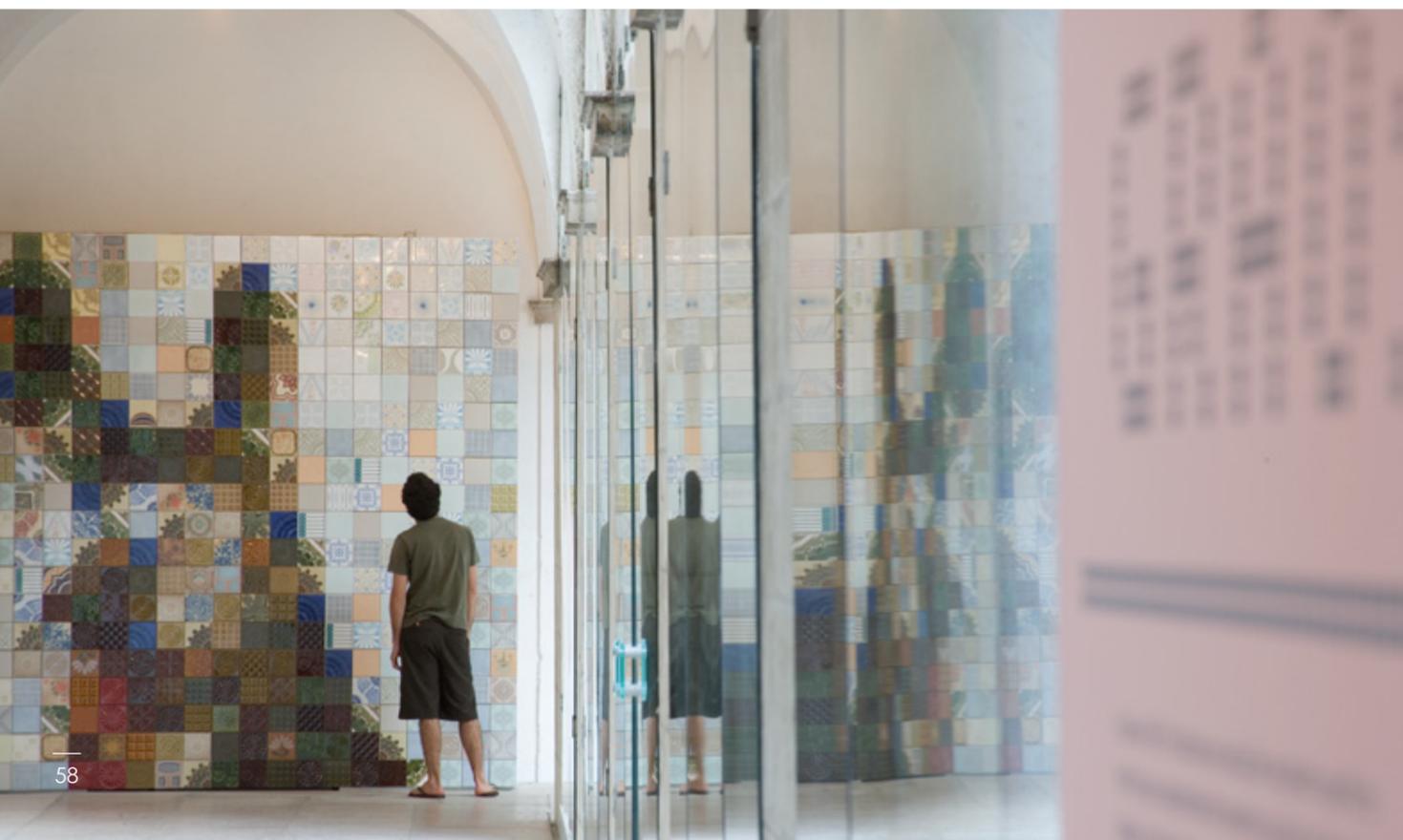
Azulejaria em Portugal

O projeto “Grão”, dos designers portugueses Pedro Ferreira e Rita João, é uma tradução em azulejaria para a definição da imagem nos dias de hoje: o grão, como nos antigos filmes de película fotoquímica, ou o pixel no digital. Pedro explica que “Grão” é o nome dado à técnica que consiste em uma base digital de composição de imagem e dentro dela eles realizam o trabalho de representação da imagem, com muitos azulejos diferentes. “Essa base digital é burra, além de não acertar nas quantidades de azulejo, eles têm brilhos e reflexos que alteram muito as cores. Por isso, ficamos horas distribuindo os azulejos de

Projeto “Grão” dos designers portugueses Pedro Ferreira e Rita João realizado com restos de azulejos a partir de uma técnica sofisticada de representação da imagem em uma base digital.
Fotos: www.pedrita.net



● Detalhe dos azulejos que compõem o mosaico



forma manual e experimental. Temos uma câmera apontada para o painel, vamos compondo a imagem e vendo o vídeo com o resultado final", relata. O "Grão" pode ser aplicado em grandes superfícies e traz diferentes possibilidades de visualização, de acordo com a distância do observador. De longe uma imagem única e de perto cada azulejo com sua própria história.

A história do trabalho em azulejaria começou com o cemitério de azulejos herdado do avô de Pedro. A empresa, única em Portugal, vem preservando azulejos antigos para garantir que eles existam no futuro. Pedro explica que a azulejaria portuguesa começou a ser mais difundida nas residências com a entrada do azulejo industrial, na década de 1970. "O trabalho em azulejo que desenvolvemos, na maioria esmagadora das vezes, é com azulejo descontinuado e industrial. É aquilo que trabalhamos e estudamos. Sempre como uma interpretação nossa", afirma.

A proposta dos projetos realizados pelo Estúdio Pedrita é recuperar e dar novos significados para esse enorme acervo descontinuado. "Temos muitos azulejos e pouca quantidade de cada um. Então, o que podemos fazer com essa diversidade? E foi desse raciocínio que nasceram os projetos", afirma. Os designers não fabricam nenhum azulejo. "Temos muitos azulejos pra gastar e ainda procuramos. A empresa continua a comprar estoques antigos. Uma reciclagem de matéria prima", ressalta.

Em 2015, eles realizaram a Exposição "Best Guess for This Image" (Melhor palpite para esta imagem) em comemoração aos dez anos do estúdio. Foram criados dez painéis com azulejos industriais descontinuados, utilizando apenas os danificados. Os azulejos de 15x15cm foram divididos em quatro e os painéis são como auto-retratos de Pedro e Rita. Os rostos dos painéis são de pessoas diferentes, que um motor de busca na internet considerou parecidas com os dois.

Projeto "Best Guess", dos designers portugueses Pedro Ferreira e Rita João, criado a partir de azulejos industriais descontinuados.
Fotos: www.pedrita.net

